

### COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS: PERCEPÇÃO MATERNA

**Ana Lucia Barreto da Fonseca<sup>1</sup>;**

<sup>1</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/0827905171258986>

**Lucivanda Cavalcante Borges de Sousa<sup>2</sup>;**

<sup>2</sup>Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/1400479085991320>

**Iana Gabriela Mendes de Jesus<sup>3</sup>;**

<sup>3</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/7517071121107798>

**Ana Clara Matos de Oliveira<sup>4</sup>;**

<sup>4</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/3751424809629961>

**Maiana de Jesus Souza<sup>5</sup>;**

<sup>5</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.

<https://lattes.cnpq.br/2878112091612387>

**Aleff do Sacramento Lima Araujo<sup>6</sup>;**

<sup>6</sup>Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia

<http://lattes.cnpq.br/9704033032065602>

**Dandara de Jesus Brito<sup>7</sup>;**

<sup>7</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/1301410466839558>

**Ângela Ramos Coutinho<sup>8</sup>;**

<sup>8</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/1576111754319500>

**Marcos Melo Marques Carneiro<sup>9</sup>;**

<sup>9</sup>Centro Universitário Nobre (UNIFAN), Feira de Santana, Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/3585464427119542>

**Paula Hayasi Pinho<sup>10</sup>;**

<sup>10</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/2851217925555175>

**Simone Seixas da Cruz<sup>11</sup>.**

<sup>11</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Santo Antônio de Jesus, Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/3699965077755163>

**RESUMO:** O isolamento social promovido pela pandemia da COVID-19 fechou espaços de trabalho e educação. As atividades laborais e escolares foram adaptadas ao modelo

remoto alterando as funções parentais dirigidos às crianças e adolescentes, como também interferiram na relação estabelecidas com o ambiente escolar. Essa pesquisa tem por objetivo descrever a percepção materna sobre o comportamento de crianças e adolescentes no retorno das aulas presenciais após isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19. A coleta de dados ocorreu através de um questionário disponibilizado na plataforma *Google Forms*, divulgado através de e-mails e redes sociais, com a técnica “*snowball sampling*”. Os resultados destacados pela maior parte da amostra descrevem que o retorno às aulas presenciais como um grande desafio, sendo que, quase a metade explicitaram dificuldades no cumprimento das tarefas e na interação com colegas. Apesar das dificuldades, a maioria tinha a expectativa que os comportamentos inadequados a interação social e a aprendizagem fossem sendo superados no convívio diário do ambiente escolar. Os eventos socioculturais impactam diretamente a parentalidade e consequentemente as relações familiares, interferindo no processo de desenvolvimento psicossocial e cognitivo de crianças e adolescentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Parentalidade. Isolamento Social. Escola.

## **BEHAVIOR OF CHILDREN AND ADOLESCENTS UPON RETURNING TO IN-PERSON CLASSES: MATERNAL PERSPECTIVE.**

**ABSTRACT:** The social isolation promoted by the COVID-19 pandemic closed workplaces and educational institutions. Work and school activities were adapted to the remote model, altering parental roles directed towards children and adolescents, as well as interfering with the relationships established with the school environment. This research aims to describe maternal perceptions of the behavior of children and adolescents upon returning to in-person classes after social isolation caused by the COVID-19 pandemic. Data collection was carried out through a questionnaire made available on the Google Forms platform, distributed via email and social media, using the “snowball sampling” technique. The results highlighted by the majority of the sample described the return to in-person classes as a major challenge, with almost half reporting difficulties in completing tasks and interacting with classmates. Despite the difficulties, most expected that inappropriate behaviors, social interaction, and learning would be overcome through daily interaction in the school environment. Sociocultural events directly impact parenting and, consequently, family relationships, interfering in the psychosocial and cognitive development process of children and adolescents.

**KEYWORDS:** Parenting. Social Isolation. School.

## **INTRODUÇÃO**

O ambiente familiar é um dos principais fatores no desenvolvimento da criança. As relações estabelecidas neste meio definem grande parte do arsenal comportamental dos indivíduos por toda sua vida, constituindo habilidades e competências as respostas sociais, cognitivas e afetivas aos mais diversos estímulos que os ambientes lhe apresentem dentro

e fora da família. A família atua como intermediadora da criança com o meio social (Andrade, S. A. et al, 2005).

Nesse processo de constituição dos comportamentos adaptativos aos estímulos apresentados as crianças, uma das estratégias de aprendizagem corresponde a observação de modelos parentais e das contingências de reforço a que estão submetidos, de modo a configurar os modos operantes de interação definidos para determinado grupo social (Skinner, 1986).

No fluxo do desenvolvimento é inserido outra importante instituição na vida dos infantes, a escola, constituindo o segundo eixo de influência no desenvolvimento de respostas sociais das crianças. Esses dois pilares da sociedade, em especial a sociedade contemporânea, são os primeiros e fundamentais pilares de modelagem dos operantes dos sujeitos, apresentando modelos comportamentais que serão constitutivos dos operantes sociais. Essas instituições estão sob controle de padrões de comportamentos presentes no arcabouço sócio-histórica de cada comunidade, proveniente de processos seletivos ao longo da sua formação social (Fonseca; Borloti, 2016). Esses dois ambientes servem de base a estruturação do comportamento social e cognitivo dos indivíduos, e estão em constante processo de ajustes as demandas coletivas e individuais, ajustes estes que repercutem na constituição das respostas operantes dos seus integrantes.

A pandemia da COVID-19 levou a imposição de medidas sanitárias de controle a infestação do Coronavírus o isolamento social em todo o globo. Por meses, dois anos, todas as atividades foram suspensas de ocorrerem no seu modelo tradicional, mantendo apenas as funções de suporte social, como emergências de saúde e segurança. As demais atividades foram adaptadas ao isolamento social, em que as pessoas passaram a executá-las em seus domicílios, de modo remoto, intermediado pela internet, de modo que a maior parte das atividades laborais e educacionais passaram a ocorrer dentro de casa, através das telas de computador (Fonseca et al, 2025).

Essa realidade gerou uma infinidade de contingências de reforço diferenciadas as relações familiares e delas com o ambiente externo. Nesse contexto, o ambiente familiar passou a ser o ambiente de convivência intensa, com as famílias exercendo funções convencionais de cuidado, afeto e educação, associado as atividades laborais dos adultos e escolares com as crianças e adolescente. Essa dinâmica definiu a necessidade de reorganizar a rotina, na tentativa de manter o equilíbrio entre as ameaças do meio externo, como a contaminação e as repercussões do isolamento social, como a perspectiva de desemprego e o atraso escolar dos filhos, com a dinâmica familiar de trabalho formal e acompanhamentos acadêmico dos filhos, associado às tarefas domésticas.

A pandemia de COVID-19 trouxe transformações profundas para diversos aspectos da vida, e a parentalidade foi uma das áreas mais afetadas. Com as medidas de distanciamento social, fechamento de escolas e a transição para o trabalho remoto, pais e cuidadores se viram em uma nova realidade, tendo que equilibrar múltiplas funções e responsabilidades dentro de um cenário incerto e cheio de desafios (Silva; Souza, 2022).

A parentalidade por si só já envolve desafios complexos, visto que cuidar, educar crianças e adolescentes não é tarefa linear, envolve adaptações constantes a cada ciclo do desenvolvimento e a cada nova demanda social e cultural. Todavia, o medo da ameaça que o vírus representava, o luto pelos que se foram por conta dos efeitos graves da doença, as intensificações das vulnerabilidades sociais e iniquidades em saúde, o desemprego ou o trabalho home-office, a escola em regime remoto e o distanciamento social dos amigos e da rede de apoio estiveram na ordem do dia das relações familiares, inter cruzando a parentalidade e interferindo diretamente na saúde mental das pessoas (Lebow, 2020). O lar, que antes era apenas um ambiente familiar, tornou-se também um espaço de trabalho, escola, lazer, e palco das inseguranças, e em algumas situações, sinal de aprisionamento, já que havia impedimento legal de circulação por praças, parques, com receios e tensões emocionais que exigiam dos pais ajustes constantes.

Um dos fatores que mais exigiu ajustes nas relações parentais foi o fechamento das escolas, tanto pela manutenção de crianças e adolescentes “presos em casa”, sem contato presencial com demais familiares e amigos, fechando todo ciclo de relações sociais, quanto a necessidade de engajamento dos pais e mães no acompanhamento das atividades escolares online, em especial das crianças mais novas. A escolarização no modelo remoto, os pais como mediadores entre os filhos e a/os professora/os, imbuíram aos pais e mães funções que são convencionalmente exercidas pela escola e seus educadores. O desafio de estar intermediando as atividades escolares sem conhecimento dos métodos pedagógicos, dos conteúdos acadêmicos, estrutura disciplinar e relações com os pares e professora/os tornaram muito desgastante as atividades escolares online (Fonseca et al, 2025; Oliveira; Cordeiro; Fonseca, 2022; Lebow, 2020).

Com o retorno gradual às atividades presenciais e a reabertura das escolas, muitos desafios permanecem. A readaptação ao convívio social e às rotinas escolares tornou-se uma preocupação para pais e educadores, uma vez que as crianças e adolescentes passaram por um período prolongado de isolamento e, em muitos casos, enfrentaram atrasos no desenvolvimento social e acadêmico. O processo de transição passou a exigir sensibilidade, paciência e uma compreensão de que as repercussões da pandemia podem ser sentidas de forma diferente por cada família e sujeito. Assim, a pandemia de COVID-19 não apenas mudou temporariamente as rotinas familiares, mas trouxe reflexões duradouras sobre o exercício do papel da parentalidade em tempos de crise e a importância de redes de apoio, tanto no ambiente escolar quanto no núcleo familiar e na sociedade como um todo.

## OBJETIVO

Descrever a percepção materna sobre o comportamento de crianças e adolescentes no retorno das aulas presenciais após isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza o método qualitativa e quantitativa, de tipo transversal, descritiva e exploratória. A amostra não probabilística contou com um total de 103 participantes. Os respondentes deveriam ter o mínimo de 18 anos, ser residente do Brasil e ser responsáveis por crianças e/ou adolescentes, no exercício parental. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVASF; CAAE: 72136123.2.0000.0282, e para a realização da coleta de dados o participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados ocorreu através de um questionário com perguntas fechadas sobre dados sociodemográficos e aspectos da parentalidade, como a dinâmica familiar de cuidado, educação e afeto relacionadas às práticas educativas, rede de apoio, rotina durante a transição entre os períodos de atividades escolares híbridas e presenciais ocorridas ao final da pandemia da COVID-19, com foco na percepção do comportamento das crianças e adolescentes no retorno às atividades presenciais.

Esses instrumentos foram disponibilizados por meio da plataforma *Google Forms* para serem respondidos simultaneamente. O link de acesso foi amplamente divulgado através de e-mails e redes sociais, com a técnica de amostragem em cadeia, ou “*snowball sampling*”, de modo que os participantes enviaram os links a pares que se encaixassem nos critérios da pesquisa (Breakwell et al., 2010).

No tratamento dos dados as questões objetivas e suas respostas foram trabalhadas tanto com o levantamento da própria plataforma Google form, quanto com através da inserção dos dados na plataforma *Excell*, para cruzamento das variáveis sociodemográficas e percepção do comportamento do/as filho/as às atividades presenciais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 103 respondentes, 85% eram compostos por mulheres e 15%, por homens, com uma média de 1,6 filhos por participante. Entre as mulheres, a média de idade era de 40,5 anos, enquanto os homens possuíam a média de 44 anos. Sobre o estado civil, mais da metade dos participantes afirmaram ser casados (55%), 17% diziam ser solteiros, 17% afirmavam estar em união estável, 10% estavam na condição de divorciados e 1% era viúvo(a). No quesito de Raça/Etnia, 49,5% se autodeclararam pardos, 28% informaram ser brancos, 18% pretos, 3% amarelos e 1,5% indígenas. A escolaridade foi definida em que 45% com Pós-Graduação completa, 17% Graduação completa, 17% com Ensino Médio completo, e no quesito religião, 80% declararam cristã, entre católicos, evangelicos e protestantes. Sendo que 83% dos respondentes residiam no Nordeste brasileiro e os demais no Sudeste. A renda familiar girou em torno de um salário mínimo (23%), três salários (26%), acima de três salários (32%), com a afirmativa que 52% não trabalharam *home-office* durante a pandemia da COVID-19 e os demais exerceram funções laborais no modelo remoto e presencial.

As participantes, majoritariamente mães, descreveram em 83% ter crianças e 57%

terem filhos adolescentes, e 98% delas informaram que os filhos estiveram em atividade escolar em modelo remoto durante a pandemia da COVID-19.

Um pouco mais da metade das participantes (54%) afirmaram se sentir insegura quanto a capacidade de exercerem as funções parentais com suas crianças e adolescentes, mais fortemente durante a pandemia do que convencionalmente. As mães descreveram limitações quanto à auxiliar os estudos, com cansaço derivado da junção de diversas demandas, como a tripla jornada de trabalho, garantia de segurança dos filhos, percepção de uma ausência ou distância dos filhos e crises de ansiedade derivadas do acesso excessivo às telas. Em decorrência das mudanças comportamentais, 42% dos pais e responsáveis observaram sentiram dificuldades em lidar com o comportamento de crianças e adolescentes, enquanto 37% afirmaram que não tiveram essa dificuldade, como pode ser observado no gráfico abaixo.

O benefício do retorno às aulas presenciais foi percebido por 94% dos pais e responsáveis de crianças e 93% dos pais e responsáveis de adolescentes, ambos destacando a socialização como o aspecto mais positivo, tendo forte impacto no desenvolvimento interpessoal, além de maior concentração e dedicação na realização das atividades escolares e no caso das crianças, melhora no desenvolvimento psíquico, comportamental e na área da fala e linguagem.

As mães, maioria expressiva nesse estudo, apresentavam muita expectativa ao retorno das atividades presenciais tanto as escolares, quanto as suas próprias atividades, descrevendo a pandemia como período de exaustão pelas atividades acumuladas nas funções domésticas e parentais, que como apresenta Oliveira, Cordeiro, Fonseca (2022), as mulheres foram as mais sacrificadas durante a pandemia da COVID-19, pois, não somente estavam à frente das tarefas domésticas convencionais, como também foram as principais responsáveis pelos cuidados nas atividades de educação e saúde, dentro e fora da unidade familiar.

Um outro fator destacado pelas mães foram mudanças comportamentais das crianças e adolescentes, que passaram ao isolamento dentro da convivência familiar, em especial, os adolescentes. As mães descreveram a expectativa que esses comportamentos fossem desaparecendo conforme ocorresse a volta as atividades presenciais, porém também denunciaram receios em relação a comprometimentos no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da/os filha/os, associada a possíveis dificuldades escolares. Afirmaram acreditar que essas dificuldades pudessem ser sanadas com a volta a convivência escolar.

Dentre as dificuldades descritas no retorno às aulas presenciais, 77% dos participantes destacaram o retorno à rotina escolar e de estudos como o maior desafio, enquanto pouco mais de 48% se referiram a dificuldades no cumprimento das tarefas e na interação com colegas. Como as expectativas, mais da metade (65,5%) da amostra notou melhoras das dificuldades no retorno às aulas, embora (8,5%) destacou aumento nas dificuldades, principalmente nas relações sociais.

Conforme Silva e Souza (2022) e Lebow (2020) definiram, o isolamento social

determinado com estratégia sanitária para conter a pandemia da COVID-19 produziu efeitos diretos e indiretos nas relações sociais, em especial no âmbito das famílias, levando a promoção de novos padrões de comportamentos de pais, mães e de filho/as, alterando as relações parentais e as relações escolares. Os participantes de ambos os grupos expuseram ter observado mudanças comportamentais durante o período de atividades remotas, principalmente o estresse e a ansiedade, que foram os mais enfatizados pelos responsáveis, além do comportamento de isolamento e de dificuldade de socialização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lebow (2020) descreve a parentalidade como uma rede de comportamentos complexos que envolve as relações de cuidado, educação e afetos dirigido aos infantes e adolescentes, e sob controle das contingências que o ambiente apresenta, portanto, em constante processo de adaptação e com muitos entraves, com uma nova e complexa variável, a pandemia e consequente, isolamento social, as práticas parentais foram desafiadas no limite.

Somada a pandemia, a insegurança diante do vírus, somada às instabilidades sociais, econômicas e políticas, o distanciamento de amigos e demais familiares, em algumas circunstâncias, até o luto pelos que se foram, foram variáveis que estiveram presentes no cotidiano de toda população mundial. No caso das famílias com crianças e adolescentes os entraves acrescentaram outros fatores, como o exercício da parentalidade, e nesse acrescida as atividades escolares online/remoto.

As adaptações pelas quais as famílias passaram, em alguma medida, são descritas pela amostra da pesquisa, principalmente nas questões dirigidas às demandas da rotina doméstica, laboral, de estudos e nos processos de convivência, em que os pais, mães e responsáveis tiveram que se adequar à essa nova realidade, principalmente por se tratar de uma situação sem precedentes.

Apesar da limitada amostra, os dados mostram que as mães, maioria da amostra da pesquisa, perceberam que o isolamento social comprometeu a emissão de comportamentos sociais das crianças e adolescentes, e, associado as atividades escolares online gerou uma ansiedade mediante as possíveis dificuldades sociais e cognitivas do/as filho/as ao retomarem as atividades presenciais

Por fim, conclui-se que o retorno das atividades escolares presenciais representou um novo processo de adaptação, considerando a necessidade de construir uma nova rotina, além do enorme benefício nas relações parentais dos filhos, já que o período de execução das atividades remotas contribuíram para que os pais experenciassem a percepção do desenvolvimento dos seus filhos, assim como as dificuldades e potencialidades presentes durante tal processo, dando a possibilidade de se dedicar a dar suporte e estreitar os seus laços afetivos.

É importante que haja o desenvolvimento de novos estudos mais aprofundados para investigar os efeitos do início e fim do isolamento/distanciamento social no desenvolvimento

e fortalecimento de laços entre os pais e seus filhos, além de desenvolvimento de protocolos de ação, caso futuramente seja necessário suspender as aulas presenciais como medida de promoção de saúde.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. A. et al.. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 4, p. 606–611, ago. 2005.
- BREAKWELL, G. M., FIFE-SCHAW, C., HAMMOND, S., & SMITH, J. A. (2010). Métodos de Pesquisa em psicologia (3rd ed.). BOOKMAN & ARTMED.
- FONSECA, Ana Lucia Barreto da; BORLOTI, Elizeu Batista. Comportamento Verbal de Adolescentes sobre maternidade. **Comportamento, Desenvolvimento e Cultura: Análise de Contexto**. Ana Lucia Barreto da Fonseca, Maria do Socorro Sales Mariano, Janaina Bainca Barletta (Orgs). São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, Vol. 2, 2016.
- FONSECA, Ana Lucia Barreto da; SOUSA, Lucivanda Cavalcante Borges; SACRAMENTO, Débora Freire; SOUZA, Kaiany Carneiro; AMADOR, Rebeca Silva; SILVA, Kelly Machado Pereira. Coparentalidade Positiva: Realidade a ser conquistada. **Comportamento e Cognição: Estudos em Saúde e Educação**. Ana Lucia Barreto da Fonseca; Djenane Conceição Brasil; Kelly Cristina Atalaia Silva (Organizadoras). Rio de Janeiro: Autografia, 2025, p. 112 – 130.
- LEBOW, J. L. (2020). Family in the Age of COVID-19. *Family Process*, 59(2), 309-312. <https://doi.org/10.1111/famp.12543>
- OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves; Cordeiro, Rosa Cândida; Fonseca, Ana Lucia Barreto da. Desigualdades raciais e de gênero na pandemia do COVID-19. **Saúde da População Negra e Indígena**. Rosa Cândido Cordeiro, Washington Gonçalves Oliveira, Fernando Vicentini (Organizadores). Cruz das Almas: Editora UFRB, 2022, p. 11 – 26.
- SILVA, Jerusa Lorenzetti da; SOUZA, Rosa Cristina Ferreira de. Principais mudanças percebidas pelos pais relacionadas às práticas educativas parentais no contexto da covid-19. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, ed. 34, ano 2022, n. ISSN 2237-8049, p. 97-118, Anual.
- SKINNER, Burrhus F. (1986). What is wrong with daily life in the Western World? *American Psychologist*, 41, 568-574.